



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS  
CONTEMPORÂNEOS  
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
V CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

(Eixo Fluxos Migratórios e Políticas Sociais)

## Mulheres migrantes e refugiadas: resistências e contradições dos deslocamentos humanos na contemporaneidade

Luara Ferreira de Souza Quadros<sup>1</sup>  
Fabrícia Santina de Oliveira Carissimi<sup>2</sup>  
Luciane Pinho de Almeida<sup>3</sup>

**Resumo.** A migração é um processo multidimensional e multicausal que se intensificou nas últimas décadas, com destaque para os deslocamentos humanos forçados. Dentro desse cenário, o número de mulheres migrantes e refugiadas tem crescido significativamente, evidenciando a feminização das migrações. Logo, o objetivo deste estudo é refletir sobre os estes fluxos na contemporaneidade sob a ótica do marxismo histórico e dialético, apresentando os primeiros resultados de uma pesquisa em andamento, que envolve a participação ativa de mulheres migrantes e refugiadas. Destaca-se os papéis de liderança e protagonismo dessas mulheres impactando as identidades e as construções subjetivas e materiais das suas vidas.

**Palavras-chave:** Políticas; migração; refúgio; apatridia; feminização.

**Abstract:** Migration is a multidimensional and multi-causal process that has intensified in recent decades, especially forced human displacement. Within this scenario, the number of women migrants and refugees has grown significantly, highlighting the feminization of migration. Therefore, the aim of this study is to reflect on these flows in contemporary times from the perspective of historical and dialectical Marxism, presenting the first results of ongoing research involving the active participation of migrant and refugee women. It highlights the leadership and protagonist roles of these women, impacting on their identities and the subjective and material constructions of their lives.

**Keywords:** Policies; migration; refuge; statelessness; feminization.

### 1. INTRODUÇÃO

A migração tem se desenvolvido histórica e socialmente como parte do processo vital dos seres humanos, apresentando fatores multidimensionais e/ou multicausais, para seu

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Bolsista da Fundação de Apoio e Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do MS, FUNDECT/MS. E-mail: luaraferreira.s@gmail.com

<sup>2</sup> Assistente Social. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Mestrado em História (UFGD). E-mail: fabriciasoc@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Assistente Social. Professora no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Mestrado e Doutorado em Serviço Social pela UNESP – Campus Franca. E-mail: lpinhoa@hotmail.com.



acontecimento. A contemporaneidade apresenta diferenciações com processos migratórios passados, tendo como principal vertente a intensificação nas últimas décadas dos deslocamentos humanos forçados<sup>4</sup>, constituindo um desafio global.

Frente aos novos desafios do contexto migratório, observa-se que as transformações sociais decorrentes da crise do capitalismo contemporâneo, acentuam as questões dos deslocamentos humanos forçados, atingindo todas as pessoas. Essas questões indicam, a importância da discussão da questão social nos deslocamentos humanos, com destaque para as experiências de ordem objetivas e subjetivas que nos leva a pensar a invisibilidade das pessoas, suas vulnerabilidades e violação de direitos, além dos processos de lutas e resistências cotidianas vivenciadas, que também se traduzem em resistências frente às adversidades sofridas.

No contexto migratório atual percebe-se o aumento cada vez maior de mulheres migrando sozinhas ou acompanhadas por seus filhos, maridos, pais e parentes e/ou em deslocamento solo com seus filhos. Nesse sentido, é que se propõe a presente discussão.

É nesse universo, que está em desenvolvimento a pesquisa intitulada “Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos”, que atende à chamada da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect) n. 10/2022 – Mulheres na Ciência Sul-Mato-Grossense, que subsidia esta reflexão.

Este estudo, portanto, objetiva-se a refletir sobre os fluxos migratórios femininos na contemporaneidade sob o prisma do marxismo histórico e dialético, na interface com categorias que se inter-relacionam, como classe, gênero, e raça, discutindo a anomia das políticas públicas migratórias no cenário do estado do Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, é necessário que se promovam discussões para o estreitamento de laços entre os órgãos governamentais e organizações da sociedade civil no intuito de promover a consolidação da defesa dos direitos humanos, na construção de políticas sociais de proteção à população migrante/ refugiada, sobretudo no que se refere à população feminina.

Trata-se de uma pesquisa participante, na qual as mulheres migrantes e refugiadas discutem por meio de rodas de conversa as questões migratórias que lhe fazem sentido, a partir das próprias experiências, histórias de vida e do seu processo de deslocamento. Desse modo, a estratégia metodológica implica em conversas dialogadas e próximas às mulheres migrantes e refugiadas. Os discursos são analisados e discutidos com todas as pesquisadoras participantes da pesquisa<sup>5</sup> e com as mulheres participantes da pesquisa.

---

<sup>4</sup> Entende-se por deslocamento forçado, àquele em que a pessoa se vê forçada a seu local de moradia para garantir sua sobrevivência e de sua família, seja por questões decorrentes de conflitos armados, situações de violência, violações de direitos ou catástrofes ambientais.

<sup>5</sup> A equipe da pesquisa é composta por um grupo de 07 mulheres pesquisadoras.



Ademais, tem-se observado que os fluxos migratórios têm adquirido cada vez mais novas configurações na atualidade, com destaque para o aumento do número de mulheres migrantes e refugiadas que passam a serem vistas e reconhecidas como sendo participantes ativas e protagonistas de suas histórias, constituindo a denominada feminização das migrações.

Este aumento expressivo de mulheres nos fluxos migratórios está associado aos aspectos qualitativos, e refletem as mudanças em relação às motivações e os meios que as conduzem a migrar, o que indica também transformações do papel social e de gênero, nos quais as mulheres assumem cada vez mais papéis de liderança e protagonismo nas sociedades, afetando diretamente a compreensão das identidades, assim como as construções subjetivas e objetivas/ materiais de suas vidas.

Desse modo, a presente reflexão divide-se em dois subitens de discussão da temática que se entrelaçam entre si apresentando e problematizando a temática a ser refletida em seus resultados parciais da pesquisa em desenvolvimento e conclusões.

## **2.1. Os deslocamentos forçados na contemporaneidade**

Guerras, perseguições, conflitos, eventos climáticos extremos, violências e demais formas violações de direitos humanos, estão entre os principais motivos para os deslocamentos humanos forçados, que se intensificam na contemporaneidade. É também expressão do desenvolvimento capitalista e de suas desigualdades pelo mundo, pois, ao mesmo tempo em que ocorre a expansão do capital em nível mundial, criam-se condições favoráveis para o aumento de crises de diversas dimensões.

De acordo com Araújo (2021), o número de migrantes e refugiados internacionais tem aumentado significativamente ao longo dos anos, o que vem destacando a importância de reconhecer que os processos de migração e refúgio são componentes essenciais da estrutura econômica e social de um país, e estabelecem conexões com o sistema capitalista de produção (ARAÚJO, 2021).

Araújo *apud* Migration Data Portal (2020) relata que na década de 90 o número de deslocamentos humanos em um contexto global chegou a um patamar de 153 milhões de migrantes internacionais. 29 anos depois, em 2019 esse número obteve uma crescente passando para 271,6 milhões de deslocamentos humanos, revelando um crescimento de aproximadamente 80% nesse espaço tempo. Ainda de acordo com a autora, os Estados Unidos conservam o índice de país com maior concentração migratória no mundo, com aproximadamente 50,7 milhões de migrantes em território, esse índice é seguido da Alemanha e Arábia Saudita com 13,1 milhões cada.



No que se refere à categoria de refúgio, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – ACNUR (2021) aponta que até o fim de 2019 foram 79,5 milhões de pessoas forçadas a se deslocar pelo mundo. Número este que cresceu consideravelmente em virtude da pandemia da Covid (2020), crise econômica mundial, e a Guerra.

Dados mais recentes, conforme o Relatório Tendências Globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) até o final do ano de 2022, apontam que havia 108,4 milhões de pessoas em todo o mundo que foram deslocadas à força, o que representou um aumento de 19 milhões de pessoas em relação ao final de 2021, ou seja, o maior aumento registrado nas estatísticas da Agência. (ACNUR, 2023).

Segundo o mesmo Relatório, 800.600 de refugiados e 5,2 milhões de outras pessoas que necessitavam de ajuda e proteção internacional residiam em países das Américas, a maioria dos quais eram venezuelanos. Países como a Colômbia, o Peru e o Equador, acolheram as maiores populações de deslocados; eles estão entre os países de baixa e média renda que acolheram 76 % da população mundial de refugiados e de outras pessoas que necessitavam de proteção internacional. (ACNUR, 2023).

Os fluxos migratórios que permeiam esses deslocamentos considerados forçados, vão além do refúgio, mas também de muitos migrantes que nem sempre se deslocam espontaneamente ou por vontade própria, mas, por vezes, “forçados”, como uma necessidade de melhores condições de vida e até de sobrevivência<sup>6</sup>.

Assim, nem todos os indivíduos que se deslocam o fazem por escolha própria, pois no atual contexto migratório, é comum que as migrações sejam motivadas por necessidades econômicas ou por circunstâncias forçadas, visando à preservação da vida e da subsistência.

No cenário nacional a migração é vista como sendo um fenômeno histórico e social, tendo sofrido diversas mudanças ao longo dos anos e forte intensificação no período recente. Entre 2011 e 2021, o país registrou o número de 1,4 milhões de migrantes espalhados em diferentes regiões, segundo dados do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA, 2023).

Assim, os deslocamentos atuais têm adquirido novos formatos e novas configurações. Os fluxos migratórios têm se intensificado entre os países do hemisfério sul, ou seja, no sentido Sul-Sul, diferentemente do que ocorria até o final do século passado.

---

<sup>6</sup> É importante mencionar que o conceito de migração, refúgio e apátrida são diferentes. Migrante é um termo mais genérico para caracterizar pessoas que se deslocam dentro do seu próprio país ou internacionalmente. Refugiado está ligado a uma movimentação involuntária ou forçada em que as pessoas saem de suas origens em busca de proteção, devido às perseguições por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões políticas, ou devido à generalizada e grave violação de direitos humanos. Já as apátridas são pessoas que não possuem nenhuma nacionalidade e que não são consideradas nacionais de nenhum país, também na ótica de graves violações de direitos humanos.



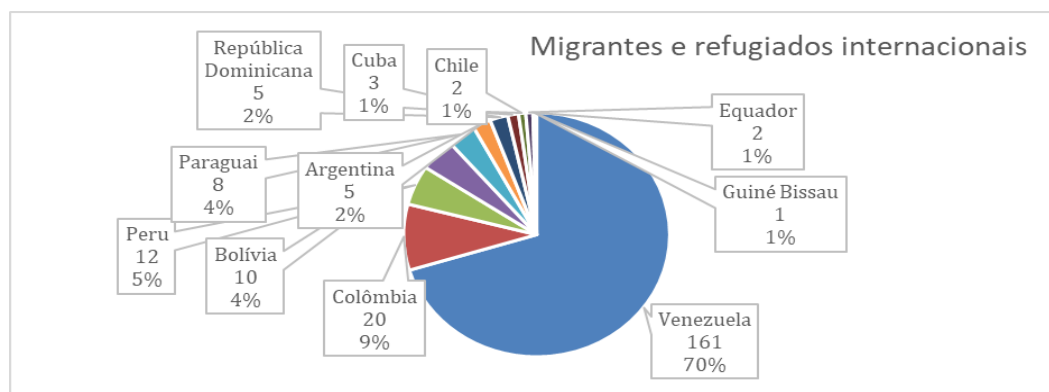
Estados brasileiros que ficam em regiões fronteiriças, como é o caso de Mato Grosso do Sul, possuem fluxos mais intensos de migrações, uma vez que as chamadas “fronteiras secas” ou terrestres passam a ser ponto estratégico de chegada, passagem e/ou permanência dessas populações.

Nas últimas décadas, portanto, observa-se, no Brasil, fluxos migratórios mais intensos de países como a Venezuela, Haiti, Colômbia, Argentina e outros, em que as fronteiras passam a ser ponto estratégico de chegada, passagem e permanência dessas populações.

Observou-se o retrato dessas novas configurações migratórias no Centro de Apoio ao Migrante (CEDAMI) que é uma entidade civil, filantrópica, sem fins lucrativos, com personalidade jurídica de direito privado, mantido e administrado pela Associação de Auxílio e Recuperação dos Hansenianos – AARH/Hospital São Julião, localizada em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, lócus da pesquisa em desenvolvimento “Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos”.

Durante o ano de 2023 foram atendidos no CEDAMI um total de 441 pessoas migrantes e refugiadas, sendo a maioria delas migrantes internacionais (52%). Destes, ou seja, 229 pessoas, a maioria absoluta tinham como procedência a Venezuela (161 pessoas)<sup>7</sup>, correspondendo ao total de 70% destes, seguido da Colômbia (20), do Peru (12), Bolívia (10), Paraguai (8), Argentina (5), República Dominicana (5), Cuba (3), Chile (2), Equador (2) e Guiné Bissau (1). (REIS; ALMEIDA; CARISSIMI; QUADROS; 2023).

Figura 01 – Nacionalidade de Migrantes e refugiados atendidos no CEDAMI em 2023



Fonte: (REIS; ALMEIDA; CARISSIMI; QUADROS; 2023).

<sup>7</sup> Em relação ao número expressivo de migrantes e refugiados venezuelanos atendidos pelo CEDAMI enfatizamos a situação socioeconômica e política daquele país que justificou a vinda dessas pessoas para o Brasil em busca de melhores condições de trabalho, de saúde, de moradia, de alimentação e de acesso a direitos fundamentais da vida humana, o que reafirma que não apenas na situação de refúgio, mas a própria migração ocorrendo de maneira “forçada”, por necessidade humana.



Esses dados ratificam a existência das migrações Sul-Sul, conforme aponta o último Relatório Anual do Observatório das Migrações (OBMigra). “[...] Na América do Sul e no nosso país, observa-se a intensificação das chamadas migrações Sul-Sul, com o protagonismo de pessoas originárias da Venezuela, da Bolívia e do Haiti.” (CAVALCANTI, p. 08, 2023).

Não só em relação a origem, mas os fluxos também se modificam em outros aspectos, com destaque para as mulheres que têm registrado aumento expressivo nos fluxos, ganhando invisibilidade, e também a atenção dos organismos oficiais, caracterizando a chamada feminização das migrações.

Para a discussão sobre as mulheres em deslocamentos, é pertinente que se mencione a influência de debates feministas das décadas de 1970 e 1980 que questionavam de maneira contundente a imagem do modelo de família nuclear, contrapondo-se à sua hegemonia e a suposta harmonia entre as divisões de trabalho entre os homens e as mulheres, a qual colocava as mulheres dentro de um modelo ideológico crucial para a manutenção do capitalismo, ou seja, mulheres exploradas como fonte de trabalho doméstico e reprodutivo não remunerado, que levou, portanto, algumas estudiosas feministas a repensarem o papel das mulheres nos processos de migração. (TONHATI; ARAÚJO, 2023)

É a partir dos anos 1990, que estudiosos de várias áreas do conhecimento, ao se debruçar sobre as migrações internacionais, passaram a notar um aumento numérico de mulheres que estão em deslocamento. Assim, face as “chamadas” feministas começaram a dar voz às experiências das migrantes e suas vivências passaram a ser mais estudadas. (TONHATI; ARAÚJO, 2023).

Tonhati e Araújo (2023) mencionam Castles e Miller (1998) ao afirmar que este processo foi nomeado de “feminização das migrações”, dentro do campo de estudo das migrações. No Brasil, este processo teve início a partir de meados da década de 2010, com a vinda das haitianas e acentuou-se com a chegada das venezuelanas. Os anos de 2018 e 2019 apresentaram os maiores números de mulheres migrantes registradas no Brasil na década de 2011-2020, composto de 48.244 e 55.244 mulheres, respectivamente. (TONHATI; ARAÚJO, 2023).

É nesse contexto que se desenha a presente temática (a feminização das migrações) objeto de estudo da pesquisa em andamento, que iremos discorrer no próximo item.

## **2.2. Mulheres migrantes e refugiadas: o processo migratório no Mato Grosso do Sul**

Com um vasto território, o Brasil tem atraído um número considerável de migrantes através de suas fronteiras “secas”. Especificamente na região Centro-Oeste e no estado do Mato Grosso do Sul. Cidades como Ponta Porã, Dourados, Corumbá, Porto Murtinho e Mundo Novo





são reconhecidas como pontos de entrada e permanência dessa população, pois estão localizadas nas proximidades das fronteiras com o Paraguai e a Bolívia.

Silva & Serpa, (2019) relatam que, existe certa dinâmica de mobilidade humana nessas cidades advindas da região fronteira, particularmente na fronteira entre Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil), e na fronteira de Corumbá com a Bolívia, na quais ocorrem o acesso principalmente de migrantes provindos da América Latina (bolivianos, paraguaios e haitianos); dos quais caracterizam-se por serem potenciais refugiados e solicitantes de refúgio.

Por este motivo, e diante a um alto índice de movimento migratório e de solicitações de refúgio nas fronteiras, o estado do Mato Grosso do Sul passou a repensar suas políticas com relação à temática das migrações. Desse modo, constituiu o Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas (CERMA-MS) que busca consolidar as diretrizes da defesa dos direitos humanos, na construção de políticas sociais de proteção a essas populações em situação de vulnerabilidade (SILVA & SERPA, 2019).

Por sua vez, de acordo com o Instituto de Migrações e Direitos Humanos (IMDH) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, nos municípios de Campo Grande, Ponta Porã, Corumbá e Dourados, foram identificadas diversas aplicabilidades nas políticas públicas estaduais e/ou municipais migratórias, como exemplo, a falta de estrutura de acolhimento e de ação dos agentes de fronteira, tais como ausência ou insuficiência de recursos humanos capacitados para trabalhar com o fluxo migratório, além da falta de reconhecimento da sociedade civil sobre a problemática das migrações internacionais no âmbito estadual e municipal. (IPEA, 2015)

Mesmo em cenários bastante desafiadores e, diante ao aumento dos deslocamentos humanos na atualidade, tem se observado que os fluxos têm adquirido cada vez mais novas configurações, com destaque para o aumento do número de mulheres migrantes e refugiadas que passam a serem vistas e reconhecidas como sendo participantes ativas e protagonistas de suas histórias, constituindo a denominada feminização das migrações.

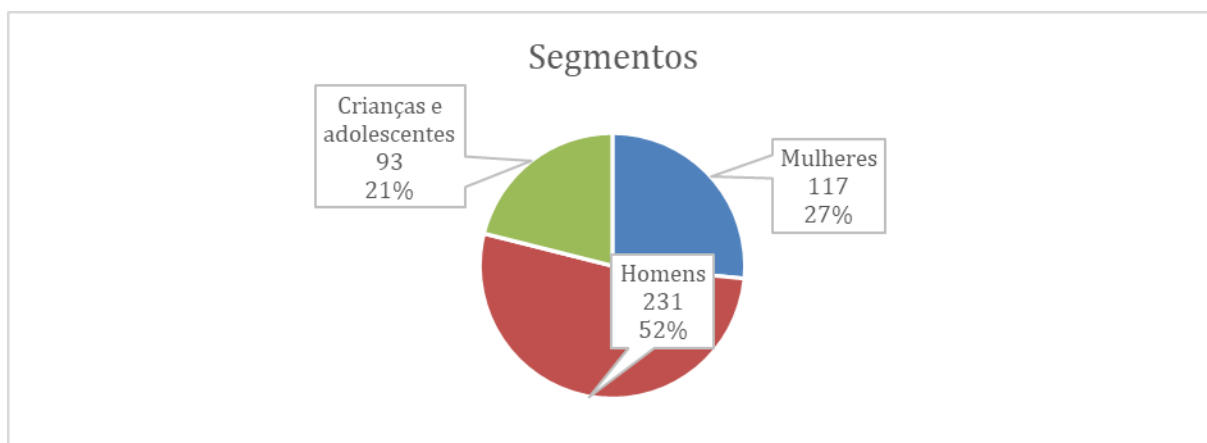
Os fluxos migratórios femininos tem se constituído como elementos importantes a pensar a constituição dos novos processos migratórios atuais, pois estas implicam características diferenciadas dos fluxos masculinos. Ser mulher, migrante e/ou refugiada, implica refletir sobre as vulnerabilidades e riscos sociais associados ao processo migratório, de forma que as condições associadas à migração e aos contextos de vivências associadas à migração de cunho familiar demarcada uma vertente particularizada para a questão do gênero e migração.

No desenvolvimento da pesquisa “Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos”, a questão da feminização é identificada nos atendimentos realizados em 2023 na Casa de Apoio aos Migrantes (CEDAMI). Quando definido por segmento, foi observado o número de crianças e adolescentes que representaram 21%, de



mulheres com 27% e homens 52%. Se consideramos que cultural e socialmente as crianças e adolescente estão mais acompanhadas pelas mulheres do que só com os homens e somarmos ambas, chegamos a 48% dos atendimentos (muito próximo aos homens que ainda são a maioria), o que denota a importância novamente de visibilidade sobre segmentos antes pouco estudados e mencionados nos fluxos migratórios, ou seja, crianças, adolescentes e mulheres, agora evidenciados pela participação constante e ativa. (REIS; ALMEIDA; CARISSIMI; QUADROS; 2023).

**Figura 02** – Atendimentos de migrantes por segmentos populacionais



**Fonte:** (REIS; ALMEIDA; CARISSIMI; QUADROS; 2023).

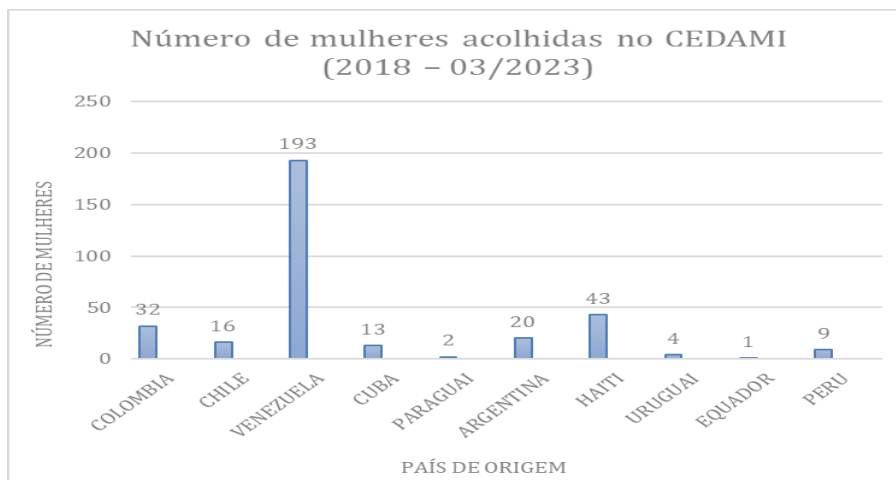
Embora o fluxo migratório feminino apontado ainda seja minoritário em relação aos migrantes/refugiados do sexo masculino, percebe-se um aumento cada vez maior na migração feminina, principalmente de mulheres migrantes e refugiadas que têm chegado ao Estado de Mato Grosso do Sul, sozinhas e/ou acompanhadas somente de seus filhos.

Na pesquisa identificaram-se as mulheres atendidas e suas nacionalidades, apontando que os deslocamentos entre o território das Américas tem sido expressivo. Desse modo, o gráfico do quadro 03 mostra o número de mulheres migrantes e refugiadas acolhidas no Centro de Apoio aos Imigrantes – CEDAMI, nos últimos cinco anos, com o registro dos países de origem que caracterizam o fluxo migratório Sul-Sul, constituído dos países Colômbia, Chile, Venezuela, Cuba, Paraguai, Argentina, Haiti, Uruguai, Equador e Peru.





**Figura - 03** - Gráfico representativo do número de mulheres migrantes/refugiadas acolhidas no CEDAMI em Campo Grande/MS, nos últimos cinco anos



**Fonte:** (REIS; ALMEIDA; CARISSIMI; QUADROS; 2023).

Esses dados demonstram, principalmente, a migração venezuelana expressiva, e denota-se um fluxo feminino que também têm crescido, principalmente na última década, seguindo a tendência apontada no subitem anterior.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações - OIM (2018) a migração venezuelana é observada como sendo um dos maiores deslocamentos em massa ocorridos na história recente da América Latina, e tem gerado desafios significativos para os países receptores desse fluxo, como a Colômbia, Brasil, Peru e Equador. Segundo o órgão, estes desafios integram a assistência humanitária, integração social e gestão das fronteiras, ocasionando com isso a dificuldade na aplicabilidade de políticas públicas, principalmente nas esferas Estaduais e Municipais.

Importante considerar que o processo migratório é sempre complexo e multifacetado, influenciado pelas conjunturas nacionais e mundial, do mercado internacional, e ainda por fatores políticos, ideológicos, econômicos e sociais, os quais nas últimas décadas assumem um caráter de crise humanitária e profundas desigualdades.

Nota-se que o desenvolvimento do capitalismo mundial é cenário fecundo para as desigualdades. Nesse sentido, no caso do Brasil, sem romper com a dependência e o subdesenvolvimento, o crescimento econômico não eliminou as desigualdades, pelo contrário, o avanço do processo de industrialização no Brasil foi aliado a um processo crescente de concentração de renda, ao passo que a consolidação do capitalismo dependente reciclou as segregações sociais, raciais e de gênero. (MOTTA, 2020)

É nesse contexto, que as mudanças sociais intensificadas pela crise do capitalismo contemporâneo destacam com isso a necessidade desses deslocamentos, afetando todas as pessoas, com um aumento significativo da participação das mulheres e crianças nesse processo.



Isso tem ressaltado a importância de discutir esse fenômeno (da migração feminina), especialmente as experiências tanto objetivas quanto subjetivas que levam à sua invisibilidade, vulnerabilidades e violações de direitos.

Entende-se que durante muito tempo, as experiências e condições de vida de mulheres migrantes e refugiadas ficaram invisibilizadas, no campo das ciências; elas eram apresentadas apenas como acompanhantes dos homens e de seus filhos. (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2016; VIEIRA, 2018). O deslocamento dessas mulheres hoje já ocorre de maneira individualizada (sem famílias), sozinhas ou acompanhadas somente de seus filhos.

Peres & Baeninger (2012) afirmam que colocar as mulheres em posição secundária nos processos migratórios é negar as suas complexidades e heterogeneidades. Nesse sentido, Marinucci (2007) afirma que, com as mudanças do papel da mulher em muitas sociedades, a inserção no mercado de trabalho, os avanços no processo de emancipação e, sobretudo, o aumento do número de mulheres migrantes, se tornou cada vez mais questionável e obsoleta a redução da mulher a agente passivo no ato migratório.

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM) em 2020, as mulheres representavam cerca de 48,3% da população migrante mundial. Este aumento expressivo de mulheres nos fluxos migratórios está associado aos aspectos qualitativos, e refletem as mudanças em relação às motivações e os meios que as conduzem a migrar, o que indica também transformações do papel social e de gênero, nos quais as mulheres assumem cada vez mais papéis de liderança e protagonismo nas sociedades, afetando diretamente a compreensão das identidades, assim como as construções subjetivas e objetivas/materiais de suas vidas.

Dentre as motivações migratórias femininas Dutra (2013) menciona alguns elementos descritores que impulsionam o ato de migrar como: a necessidade de promover o sustento da família, vivências em sociedades que já possuem um padrão migratório, o que gera práticas e hábitos culturais que influenciam na decisão por migrar, pobreza, falta de oportunidades, violência, opressão e assédio dentro do núcleo familiar, casamento forçado, vontade de realizar sonhos, ou emancipar-se (Dutra, 2013).

De acordo com Ramos (2016), a mobilidade familiar e a feminização das migrações promovem oportunidades para a família e para a mulher, em nível identitário, social, educacional e econômico, mas, também, implica riscos e vulnerabilidades sociais, de saúde e familiares, particularmente para as mães e as crianças, o que torna extremamente necessário que se reflita sobre o fenômeno.

Esse fato reforça as desigualdades presentes no Estado capitalista, que atinge veemente grupos mais vulneráveis como no caso de mulheres migrantes/ refugiadas, sobretudo



quando elas relatam a negligência estatal ao não oferecer condições humanas, políticas e socioeconômicas para escolherem onde querem residir e de que forma irão conduzir suas vidas.

Fazendo com que seja imprescindível que se traga à luz a necessária análise ontológica do ser social “mulher migrante” na sociedade capitalista, na perspectiva de totalidade. Dialogando que o ato de migrar também se relaciona ao fato de que essas mulheres muitas vezes precisam se submeter a trabalhos extenuantes com a dupla ou tripla jornada; que os trabalhos no âmbito público são, na maioria das vezes, precarizados; que seu acesso a serviços sociais é limitado por dificuldades com documentação e comunicação, por exemplo; que são mais expostas a xenofobia, preconceitos, violências e violações de direitos; dentre tantas outras questões.

Esses determinantes são provenientes do sistema capitalista de produção, e tende a implicar na observação da complexidade da questão migratória que envolve o entendimento da totalidade do mundo atual em suas contradições e ambiguidades, envolvendo processos de racialização, cultura, processos identitários assim articulados com a questão de classe, gênero, raça e nacionalidade que impõe e direciona essas mulheres a um determinado lugar na sociedade.

### **3. RESULTADOS**

Como resultados parciais e ainda iniciais do trabalho de pesquisa, pode-se identificar as diversas histórias de vida e contextos migratórios das mulheres migrantes e refugiadas participantes. Pode-se observar que as migrações forçadas são em sua maioria composta por mulheres e crianças, e essas são as mais afetadas, denotando a importância que esse fluxo assume na contemporaneidade.

Observa-se que a grande maioria das mulheres migrantes e refugiadas que chegam à Mato Grosso do Sul e passam pelo atendimento no Centro de Atendimento ao Migrante, o fazem acompanhadas por sua família, formada por companheiro e filhos. Todavia, foi possível observar mulheres que fazem o percurso sozinhas e/ou mães solo, que se deslocam somente com seus filhos.

Deixar sua terra natal em busca de dignidade de vida para si e para os seus implica uma decisão difícil, a qual se faz determinada pela falta de perspectiva de vida e sobrevivência no país de origem. Além da tomada de decisão, identificou-se discursos permeados de emotividade e coragem demonstrados nos fatos narrados pelas diversas histórias de vida, das dificuldades e dos riscos enfrentados pelas mulheres.

Uma parte das mulheres que passam pelo CEDAMI vem em busca da reunião familiar, ou seja, já possuem parentes e/ou amigos no Brasil e, buscam instalar-se junto aos seus,



constituindo a rede de pessoas da mesma nacionalidade. Sendo assim, sentem-se mais seguros e encontram maior facilidade de adaptação e inserção no novo mercado de trabalho.

Com relação ao trabalho, as venezuelanas e colombianas encontram maior facilidade de inserção no mercado de trabalho do que as haitianas, por exemplo, as mulheres haitianas que tem chegado ao Mato Grosso do Sul, em sua maioria, falam o creole, que se trata de um dialeto haitiano que dificulta os processos de integração. Também a maior parte dessas chegam ao Brasil com o companheiro, o qual fica responsável pelo sustento da família. Diferentemente, as mulheres venezuelanas que integram-se mais facilmente devido a proximidade com o idioma, possuem maior autonomia e algumas chegam ao Brasil sozinhas e/ou com seus filhos.

Muitas das famílias chegam também sem a documentação necessária, tendo que providenciá-la na chegada. Surgem assim, inseguranças diversas como medo da deportação, sofrimentos gerados pela separação familiar.

A inserção no mercado de trabalho nem sempre acontece de forma rápida, as mulheres venezuelanas têm conseguido uma boa inserção no comércio local e, algumas trabalham no serviço doméstico.

Dentre as vulnerabilidades e riscos, pode-se identificar entre os atendimentos realizados casos de tráfico de pessoas para fins de trabalho escravo e/ou fins sexuais.

...migrantes e refugiados enfrentam grandes desafios no processo migratório, contudo, quando esta figura é uma mulher, ela sofre outros dilemas, como uma violência de maneira agravada em razão de sua vulnerabilidade, por meio de agressões, abusos sexuais, tráfico de pessoas, dentre outras atrocidades. (RISSATO, CARDIN, 2022, p.14)

Situações de violência são sempre enfrentadas por migrantes e refugiadas, principalmente ao se tratar de mulheres negras, nacionalidades que sofrem com o preconceito e discriminação, situações que denotam as desigualdades sociais no âmbito das migrações internacionais e refletem diretamente na vida das pessoas.

Saliente-se que migrantes e refugiados precisam lidar com problemas em comum, como o preconceito e a discriminação, os quais refletem diretamente na vida dessas pessoas e até mesmo em sua sobrevivência, já que em decorrência disso, encontram dificuldades para inserir-se no mercado de trabalho e auferir o próprio sustento. (RISSATO, CARDIN, 2022, p.15)

Importante destacar, que através das histórias de vida de mulheres migrantes e refugiadas, que essas pessoas se tratam de mulheres fortes, que buscam enfrentar as adversidades em busca de reconstruir suas vidas e de sua família, com vista à melhoria de vida e sobrevivência.

As contradições da sociedade capitalista denotam desigualdades sociais que implicam diretamente nas condições sociais e no lugar de migrantes e refugiados em detrimento aos nacionais. Essas contradições mostram que a sociedade brasileira não é tão acolhedora como consta em discursos políticos, os quais insistem em afirmar que o Brasil é um país acolhedor e



que não há discriminação e preconceito. Sabe-se que o preconceito e o racismo estrutural se esconde nas entrelinhas da vida social cotidiana brasileira.

Mas as mulheres migrantes e refugiadas participantes dessa pesquisa demonstram resistências frente aos desafios postos no cotidiano da sociedade de acolhimento. Resistências de vida, resistências para sobreviver e lutas pela vida! São mulheres fortes, corajosas, e que estão determinadas a reconstruir suas vidas.

#### **4. CONCLUSÕES**

Os deslocamentos humanos contemporâneos possuem múltiplas expressões e são fenômenos cada vez mais complexos diante do cenário de crises mundiais e profundas desigualdades, impressas por marcadores como classe, raça e gênero.

Na pesquisa em andamento “Entre flores, espelhos e faces desiguais: a dialética da força feminina nos deslocamentos humanos”, observamos essa dinâmica de maneira contundente, não só diante das histórias de vida, relatos e experiências de mulheres quanto às vulnerabilidades, riscos e violações de direitos a que são expostas, como também a forma que lutam e encaram os desafios cotidianos. Esses enfrentamentos encontram ressonância em redes familiares, redes de apoio informais, na força feminina que se opõem a todas as contradições e desigualdades da sociedade capitalista. Algumas iniciativas governamentais e/ou da sociedade civil, como a própria casa de apoio, lócus da pesquisa, também são fundamentais para apoio e suporte para essas mulheres, contudo, ainda não possuem políticas públicas consolidadas para atendimento de suas demandas.

Os resultados parciais e ainda iniciais desta pesquisa destacam as complexas histórias de vida e contextos migratórios das mulheres migrantes e refugiadas participantes, revelando a predominância das migrações forçadas por mulheres e crianças, cujo impacto é crucial na contemporaneidade. A busca por uma vida digna em um novo país muitas vezes implica em decisões difíceis, marcadas pela falta de perspectiva no país de origem e pelas dificuldades enfrentadas ao longo do processo migratório.

As mulheres migrantes e refugiadas enfrentam diversos desafios, desde a busca pela reunificação familiar até a inserção no mercado de trabalho, enfrentando barreiras linguísticas e, em alguns casos, situações de vulnerabilidade, como tráfico de pessoas e violência. Apesar das adversidades, estas mulheres demonstram uma notável resiliência e determinação em reconstruir suas vidas e proporcionar um futuro melhor para si e suas famílias.

É importante reconhecer que essas experiências refletem as desigualdades sociais e estruturais presentes na sociedade de acolhimento, revelando as contradições de um sistema que, embora promova discursos de acolhimento, muitas vezes perpetua o preconceito e a



discriminação. No entanto, as mulheres migrantes e refugiadas emergem como agentes de resistência, desafiando essas injustiças e lutando incansavelmente por uma vida digna e justa. Suas histórias inspiradoras destacam sua força, coragem e determinação em enfrentar os desafios cotidianos com resiliência e esperança.

## 5. REFERÊNCIAS

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Dados sobre refúgio**. ACNUR, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 02 fev 2023.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Relatório Tendências Globais do Deslocamento Forçado**. ACNUR, 2022.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Relatório Tendências Globais do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**. 2023. Disponível em <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>. Acesso em 01 fev. 2023.

ARAÚJO, Krisley Araújo. **Trabalho e Consciência: Vivências de Mulheres Migrantes e Refugiadas em Campo Grande- MS**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Campo Grande/MS, 2021.

CASTLES, C. e MILLER, M, J. The age of Migration. **International Population Movements in the Modern World**. New York, 1998.

CAVALCANTI, Leonardo. **10 anos do Obmigra: dados pesquisas e contribuições para pesquisas**. In.: CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

DUTRA, D. Mulheres migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Rev. Inter. Mob. Hum**, (40), 177-193, 2013.

FARIA, G. J. A.; FERREIRA, M. L. A; PAULA, A. N. R. **Desinibilizando as mulheres em contexto migratório interno: Interfaces entre migração, trabalho e gênero**. In: **Anais... XVII Seminário sobre a Economia Mineira, Diamantina--MG**, 01-20, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS (IPEA). **Migrantes, Apátridas e Refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil**. Série Pensando o Direito, n. 57. Brasília: IPEA, 2015.

MARINUCCI, R. (2007). **Feminização das migrações**. REMHU, Brasília, (15) 29, 05-22.

MOTTA, Daniele Cordeiro. O dilema das desigualdades frente ao marxismo. In: MARTUSCELLI, Danilo Enrico (Org.) **Os desafios do feminismo marxista na atualidade**. 1. ed. Chapecó, Coleção marxismo21, 2020.



ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **World Migration Report 2020: Chapter 2 Migration and Migrants: A Global Overview**. 2020.

PERES, R. G; BAENINGER, R. **Migração feminina**: um debate teórico e metodológico no âmbito dos estudos de gênero. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, Águas de Lindóia/SP – Brasil, 2012.

RAMOS, N. **Famílias Migrantes: Acolhimento e solidariedade na sociedade multicultural**. In: CENTRO DE ESTUDOS DAS MIGRAÇÕES E DAS RELAÇÕES INTERCULTURAIS (CEMRI), UAB, 2016, p. 14-21. Disponível em: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5844/3/Fam%c3%adlias%20migrantes\\_2016.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5844/3/Fam%c3%adlias%20migrantes_2016.pdf). Acesso em 11 abr. 2023.

REIS, Joelma. M.; ALMEIDA, Luciane.P. de; CARISSIMI, Fabricia S. de O.; QUADROS, Luara. F. de S. **Relatório Anual do Centro de Apoio ao Migrante de Campo Grande/MS – CEDAMI 2023**. Campo Grande/MS, 2023.

RISSATO, Gabriela de Moraes; CARDIN, Valéria Silva Galdino. **Da vulnerabilidade da mulher migrante e refugiada**: entre a invisibilidade e a rejeição. Revista Vildere. V.14.n.30. Dourados/MS: Maio-Agosto, 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/15483/9353>. Acesso em: 15 jan 2024.

SILVA, César Augusto S. da, & SERPA, Paola Flores. **O fluxo migratório no Estado do Mato Grosso do Sul**: recepção dos refugiados e de imigrantes internacionais. *Rev Metaxy*, 2(1), 31-55. Rio de Janeiro/RJ, 2019.

TONHATI, Tânia; ARAÚJO, Aline. **Mulheres, “um corpo no mundo”**: migração feminina no Brasil. In: Caderno de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania, v.18, n.18,p. 15-30. Brasília: Instituto Migrações e Direitos Humanos, 2023.